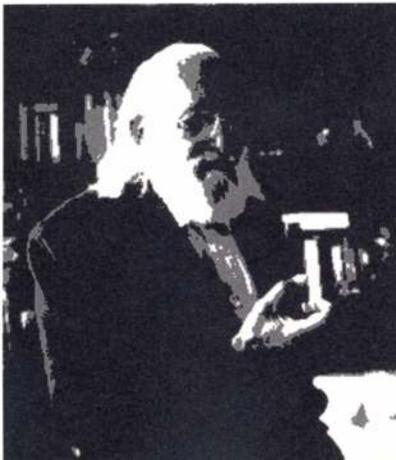


situação de domínio e poder mudando a distribuição do uso da linguagem nos contextos sociais e educacionais.

**P**or que o impacto de Freire foi além da alfabetização de adultos? Quando a ênfase dos estudos lingüísticos era a dimensão universal da linguagem, quando na psicologia se analisavam as diferentes habilidades perspectivas, motrizes e as formas verbais de nível mais elementar (fonemas e morfemas) como subcomponentes do ler, e na pedagogia se procurava o método perfeito, Paulo Freire chamava a atenção sobre a não-neutralidade da linguagem e sobre a importância da alfabetização como elemento transformador das idéias dos educandos. Claro que não estava só; tivera Antônio Gramsci entre seus antecessores e eram muitos os que na década de 60 tinham alçado também sua voz contra a dominação simbólica, dominação que continua material. Vêm-nos à memória os nomes de Leopold Senghor e Aimé Césaire, ambos apresentando muitos aspectos em comum com Paulo Freire: a atitude religiosa, a preocupação política e a atenção à linguagem como meio de opressão-expressão do povo. A novidade de Freire foi levar essas posições ao campo da educação dos mais desfavorecidos, os que já haviam perdido sua oportunidade, os que, como a mulher parisiense, envergonhavam-se de não saber. Mas seu projeto não consistia só em compensar a oportunidade perdida, consistia em subverter a forma de pensar a alfabetização, mudando o conteúdo da linguagem, mudando o método. Ao dignificar a voz do educando, Freire dignificou a dos educadores. No nome de Paulo Freire, hoje em dia, os educadores de adultos se convocam e identificam.

Mas a palavra de Freire que convoca e continuará convocando implica uma leitura que transcende seu conteúdo etimológico: não será geradora porque está composta de sílabas, nem será decodificada porque aparece escrita, nem "anti-hegemônica" por ser familiar às vozes do povo. A palavra que quis recuperar Freire na alfabetização do povo era a da linguagem do conhecimento, a linguagem como meio simbólico que há de permitir uma atitude crítica frente ao significado codificado culturalmente e a hegemonia do poder. A palavra de Paulo Freire era uma palavra metafórica.



# Paulo Freire

**Balduino A. Andreola**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**E**m 1987, encontrei-me um dia com o professor Héglio Trindade no térreo da Reitoria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Ele me perguntou: "Ficaste sabendo que Paulo Freire morreu?". Respondi que não, e perguntei qual a fonte da informação. Disse-me que vira um anúncio no *Diário do Sul*. Comentamos rapidamente o alcance da grande perda e nos despedimos. Voltando à Faculdade de Educação, procurei imediatamente o *Diário do Sul*. Então me dei conta de que fora um inexplicável engano de diagramação do jornal. Sob o título Necrologia, aparecia a foto de Freire, com a notícia de que ele acabava de ser distinguido, na Espanha, com o prêmio "Príncipe de Astúrias de Ciências Sociais". O que a imprensa do Brasil e de muitos países do mundo noticiou, a partir do dia 2 de maio, infelizmente não é mais equívoco. Realmente, Freire morreu. Os equívocos, agora, são outros, e talvez até maiores do que aquele. Estou procurando reunir, juntamente com outros colegas, tudo o que foi publicado nos jornais de vários Estados. O destaque dado com reportagens amplas e muito bem fundamentadas demonstra que sua obra goza de vasto reconhecimento, e que veio para ficar. Os equívocos expressam a exceção, como, por exemplo, o breve artigo veiculado pela revista *Veja* (nº 19 de 14/05/97, p. 127). Dá a impressão de que, já que Freire morreu, a revista se candidatou apressadamente a coveira de sua obra. O autor do artigo, Mário Sabino, declara:

*Os críticos de sua obra afirmam que o golpe salvou o educador de um fracasso e o alçou ao panteão da glória intelectual.*

Já escrevi e disse várias vezes que não recebi mandato nenhum de Paulo Freire para defendê-lo. Como estudioso de sua obra, acho, porém, que uma insinuação tão injuriosa não pode ficar sem um comentário. Freire se defrontou com inúmeros críticos muito rigorosos ao longo de sua trajetória. E, quando questionado diretamente, sempre manteve com seus interlocutores um debate em alto nível, marcado pelo diálogo e pelo respeito. A generalização do artigo de Mário Sabino, ao sublinhar que "os críticos de sua obra afirmam..." é uma falsificação. O correto seria "alguns"

# morreu: um equívoco jornalístico

críticos. O autor das insinuações parece um bom discípulo de Vanilda Paiva, que, em seu livro *Paulo Freire e o Nacionalismo Desenvolvimentista*, é pródiga nesta forma de crítica. A argumentação é de um primarismo gritante. Dentro desta lógica, a cicuta teria sido igualmente a salvação de Sócrates, livrando-o do fracasso e consagrando-o como mestre da humanidade. É preciso rescrever a história de todas as vítimas ilustres do arbítrio, da censura, da repressão de todos os regimes autoritários, políticos ou religiosos, incluindo o próprio Jesus Cristo. Trata-se de uma hermenêutica necrófila. Antes de retomar uma argumentação mais positiva, lembraria apenas o que um dia Paulo Freire disse a um de seus filhos: "Meu filho, quando eu era bem jovem, eu nunca pensei em atacar injustamente o professor Anísio Teixeira para começar a ser conhecido".

**E**ncerro estes comentários desagradáveis dizendo que todas as críticas sérias, muitas delas extremamente exigentes, merecem de todos os estudiosos uma análise igualmente séria e exigente, num clima de muito respeito, como Freire sempre fez. Já as críticas inspiradas por vaidades acadêmicas, por modismos passageiros e por leituras superficiais da obra de Freire não merecem muita perda de tempo. As tarefas que nos reclamam, como educadores comprometidos com as classes populares, são bem mais urgentes do que a preocupação em responder à revista *Veja* e a seus "experts" prediletos. Enquanto isto, prefiro lembrar o que escreveu em seu livro *Para um Diálogo das Civilizações* (1977, p. 198) o renomado intelectual e político francês Roger Garaudy:

*Em matéria de pedagogia, é significativo que seja um brasileiro, Paulo Freire, o maior pedagogo do nosso tempo, que tenha dado à alfabetização e ao ensino em geral a missão de despertar nas massas uma consciência crítica e militante. De ser uma Pedagogia dos Oprimidos e de fazer da educação uma Prática da Liberdade. Em vez de visar a reproduzir os valores da ordem estabelecida, a educação tem por objetivo a tomada de consciência das contradições desta ordem, criando assim o que*

*Lenine teria chamado de as 'condições subjetivas' de uma revolução e de uma libertação.*

**A** afirmação de Garaudy relativa à importância mundial da obra de Freire não tem nada de retórico. Pelo contrário, é confirmada pelos dados bibliográficos. O livro mais importante de Freire, *Pedagogia do Oprimido*, está traduzido em mais de 20 idiomas. Somente em inglês, já foram publicados mais de 400 mil exemplares. Em setembro de 1996 fui convidado, como palestrante, para o Simpósio Paulo Freire, realizado em Vitória, numa promoção conjunta da Universidade Federal do Espírito Santo e do Instituto Paulo Freire. As inscrições foram encerradas duas semanas antes do evento, ao atingirem o número de 900 participantes. Naquela ocasião foi lançado o livro *Paulo Freire: uma Biobibliografia* (765 páginas), organizado por Moacir Gadotti, incluindo escritos de mais de 200 estudiosos da obra de Freire do mundo inteiro. O livro constitui-se, talvez, na referência bibliográfica mais significativa para os estudiosos, incluindo 300 páginas de bibliografia comentada. Um dos indicativos mais importantes do reconhecimento internacional da obra de Freire está no fato de ele ter recebido o título de Doutor *Honoris Causa*, até 25 de janeiro de 1996, de 28 universidades do mundo inteiro, além de inúmeros outros prêmios e títulos conferidos por parte de cidades ou instituições.

Se quisermos levar realmente a sério a obra de Freire, não podemos ignorar a dimensão de radicalidade existencial e histórica que a marca profundamente. Para expressar melhor o que pretendo dizer, citarei o que escreveu Mounier, em 1935, em seu livro *Revolution Personnaliste et Communautaire* (Oeuvres, vol. I: 132): *A experiência e a proximidade da miséria, eis o nosso batismo de fogo (...) A miséria passou, com seu cortejo de grandezas. Eis a chave. Quem não experimentar primeiramente a miséria como uma presença e uma queimadura dentro de si, nos levantará objeções vãs e polêmicas injustificáveis.*

Sem outros comentários, aproximarei a estas declarações o que Freire escreveu no livro *Conscientização* (p. 14):

*Em Jaboatão perdi meu pai. Em Jaboatão experimentei o que é a fome e compreendi a fome dos demais. Em Jaboatão, criança ainda, converti-me em homem graças à dor e ao sofrimento que não me submergiam nas sombras da desesperação. Em Jaboatão joguei bola com os meninos do povo. Nadei no rio e tive "minha primeira iluminação": um dia contemplei uma moça despida. Ela me olhou e se pôs a rir... Em Jaboatão, quando tinha 10 anos, comecei a pensar que no mundo muitas coisas não andavam bem. Embora fosse criança, comecei a perguntar-me o que poderia fazer para ajudar aos homens.*

**E**m meu discurso de homenagem ao novo Doutor *Honoris Causa* da UFRGS, em 1994, eu dizia:

*Garoto ainda, com 10 anos de idade, tinhas todo o direito de preencher tua vida com bem outras preocupações. Mas as situações históricas de tua existência e da existência da gente sofrida das classes populares de tua terra levaram-te a um questionamento radical, e tu formulaste para ti mesmo uma pergunta do tamanho do mundo: "...comecei a perguntar-me o que poderia fazer para ajudar aos homens". Aos poucos foste descobrindo que o tamanho da fome, da miséria, da opressão, ultrapassavam, de muito, os limites da tua terra e as fronteiras do Nordeste para assumir dimensões de Brasil e de mundo.*

Aos que acham que o nosso único desafio e compromisso de "intelectuais engajados e progressistas", perante a obra de Freire, é o da crítica "objetiva", permito-me citar de novo Mounier, que escreveu, durante a guerra, em seus "Journaux de prison" (*Esprit*, dec. 1950:722):  
*O preço a pagar, em toda a Europa, seria a prisão e a morte, e nós não escreveríamos senão artigos, não pagaríamos senão com palavras?*

Nesta mesma linha de advertência profética, destaco um trecho da última "carta pedagógica" de Freire:  
*Se a nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não com a sua negação, não temos outro caminho a não ser viver plenamente a nossa opção. Encarná-la, diminuindo assim a diferença entre o que dizemos e o que fazemos.*

Enquanto o povo morre de fome ou de desespero, e enquanto intelectuais como Freire pagaram com a prisão, a tortura, o exílio e a morte sua quota de compromisso social e político, há muito intelectual de luxo por aí enfeitando seu currículo apenas com análises sociológicas da miséria.

Nos vários momentos em que fui solicitado, desde o dia 2 de maio, como estudioso da obra de Freire, para entrevistas, palestras ou artigos, acompanhou-me sempre a reminiscência de uma conversa com o filósofo Paul Ricoeur. Nos meses de setembro e outubro de 1983, durante um estágio na biblioteca Emmanuel Mounier, em Châtenay-Malabry, na periferia de Paris, fui seu vizinho durante um mês. Numa de nossas conversas, no jardim ao lado da biblioteca, falando de Mounier, ele me disse:  
"Era uma grande amizade que estava começando. Mas eu lecionava em Strasburgo, e só me encontrava com ele por ocasião dos congressos da revista *Esprit*. O lado mais cruel da morte é que a gente interroga o amigo, e ele não responde mais".

**N**aquele momento Ricoeur interrompeu a conversa. Ficou olhando longamente para o chão. Percebi que ele estava muito emocionado. Os filósofos também choram. Eles choram as perdas dolorosas e se emocionam perante os dramas humanos. Ouvindo Ricoeur e presenciando sua emoção, impressionei-me mais ainda ao lembrar que o que ele acabava de dizer já o escrevera, quase *ipsis litteris*, 33 anos antes, num artigo para o número especial da revista *Esprit*, logo após a morte de Mounier, em 1950, incluído, depois, no livro *Histoire et Verité* (1951).

Se lembro constantemente aquele episódio é porque o estou reexistenciando, com relação a Freire. Todos nós, os estudiosos de sua obra, teríamos inúmeras perguntas a propor-lhe ainda, na linha daquela hermenêutica da presença, do diálogo vivo, a que estávamos habituados. Agora a relação com ele mudou radicalmente, e a hermenêutica de sua obra também. Permito-me citar, por isso, o texto do artigo de Ricoeur, porque me parece oferecer-nos uma chave de leitura e de interpretação de fundamental importância:

"Nosso amigo Emmanuel Mounier não responderá mais nossas perguntas; uma das crueldades da morte é aquela de mudar radicalmente o sentido de uma obra literária em andamento; não apenas ela não comporta mais continuidade, está encerrada, em todo o sentido da palavra, mas ela é arrancada a este movimento de troca, de interrogações, de respostas que situava seu autor entre os vivos. (...) Começa a leitura e continua em vão a tentativa do diálogo interdito".

Se o diálogo passou a ser interdito, não significa que Freire tenha perdido a palavra. Estou lembrando, neste momento, uma entrevista com o filósofo Gustavo Cirigliano (*La Educación*, 1995: 1-17). Cirigliano analisa a atualidade da obra de Freire dentro de um paradigma temporal de três momentos: o pretempo, o



contratempo e o destempo. Vejamos como ele explica tal paradigma. O pré-tempo, o antes do tempo, ou tempo preliminar, assim o descreve o velho filósofo: *"La actuación del transformador se iniciaría con el pretiempo, período auroral de prédica, zona de lo prematuro, momento de proposición de nuevos paradigmas, de ensayos iniciales más o menos tolerados o reputados como desubicados o no pertinentes, y aún no motejados de peligrosos o utópicos"*.

**M**as a aparente tranqüilidade não pode ir longe. O contratempo necessariamente virá, segundo ele:

*"Vendra luego un segundo momento, el del contratiempo. Una vez puesta en marcha, la novedad se expande y avanza afectando naturalmente intereses y contrariando mentalidades. La innovación enfrenta un creciente rechazo por parte de sectores influyentes. El poder constituido no la digiere. La cosa va en serio ahora: suprimir las experiencias transformadoras, alentar la persecución - leve o no - del autor. Hay que sacárselo de encima. Alejarlo. El tiempo del exilio o del ostracismo interno se aproxima"*.

O terceiro momento, porém, o do destempo, é, com certeza, o mais dramático. A descrição do eminente pensador não deixa dúvidas:

*"El tercero fue denominado como destiempo. La cosa sería así: han pasado los años, se suavizaron las posiciones, cambió el clima epocal. El autor regresa del exilio o del silencio y con sorpresa percibe que sus ideas ya no son contundentemente rechazadas. Hay espacio para ellas. Uno se ilusinaría con que es el tiempo del triunfo. (...). En la mayoría de los casos ya no es el tiempo de la concreción. Las propuestas que antes fueron escozor y espanto, durante el destiempo - si regresan - se tornan tolerables, light - como dicen ahora - y hasta nostálgicas. Curiosa tolerancia al autor por algo que no le permitieron ensayar. Comúnmente en el destiempo las palabras o ideas serán olvido o pasado"*.

Lembrando o Eclesiastes (3,1): *omnia tempus habent*, o filósofo observa que nem todo o tempo é bom para tudo - acrescentando ainda:

*O paradigma incluiria a crueldade da assincronia: ser aceito quando já não é mais tempo.*

Quanto a Freire, o velho professor de filosofia declara enfaticamente:

*"Y sostengo que Paulo Freire ha quebrado el tiempo del destiempo porque no ha perdido la palabra. Y eso es una hazaña en nuestro continente"*.

Para quem leu o fragmento da última carta pedagógica, escrita por Freire poucos dias antes de

partir para a grande viagem, é evidente que ele continuou bradando até o fim, com o mesmo vigor, tanto da indignação e da denúncia, quanto da ternura e do anúncio. Ele não pode ter calado. Ouçamo-lo: *(...) Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. Se a nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustica, do direito e não do arbtrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho senão viver plenamente a nossa opção. Encarná-la, diminuindo assim a distância entre o que dizemos e o que fazemos. Desrespeitando os fracos, enganando os incautos, ofendendo a vida, explorando os outros, discriminando o índio, o negro, a mulher, não estarei ajudando meus filhos a serem sérios, justos e amorosos da vida e dos outros.*

Cirigliano, ao proclamar que Freire não perdeu a palavra, confirma sua afirmação com as palavras do próprio Freire:

*"En verdad mi reencuentro con la Pedagogía del Oprimido (em Pedagogia da Esperança) no tiene el tono de quien habla de lo que ya fue, sino de lo que está siendo (ibidem, p. 6)"*.

**M**inha vontade é de negar a hermenêutica de Ricoeur, inconformado com a afirmação de um *diálogo interdito*. Parodiando o próprio Freire, direi, por isso, que ao falar dele e de sua obra, *não estamos falando do que já foi, senão do que está sendo*. E, por isso mesmo, acho que não estamos falando *dele*, mas com *ele*.

Paulo, na nova dimensão para a qual migraste, na tua insaciável vocação de ser-mais, acho impossível te seja negada a sombra de uma mangueira, de onde estejas nos vendo e ouvindo. Imagino até que a mangueira tenha sido a árvore da vida, no paraíso primordial. Nós, que aqui ficamos, à sombra desta mangueira, na terra das muitas exclusões, olharemos todos os dias para o horizonte da esperança, de onde nos acenas. Teu olhar continuará nos desafiando, para dizer-nos que a luta não acabou, até que o sonho coletivo ceda lugar à realidade nova de uma terra sem exclusões, onde não se tenha mais vergonha de proferir a palavra amor.